

# Jornal de Notícias

http://jn.sapo.pt/2006/07/30/tema\_de\_domingo/em\_recuperacao\_por\_mais\_dia.html

## Em recuperação só por mais um dia

Ivete Carneiro, Leonel de Castro

Sílvio, Sandro, Ana, Amílcar ou Manuela. Tanto faz. Não são estes os nomes deles. São cinco entre mais de mil. Anónimos, diz o cartaz. Adictos, dizem eles. "Em recuperação só por hoje". Depois de ontem, de anteontem, do tempo que calha a cada um e todo o futuro que vem pela frente, é uma promessa.



**Convenção internacional junta no Porto cerca de um milhar de histórias que abordam as drogas no pretérito prefeito. Estão "limpos", garantem**

A droga, contam-na no pretérito perfeito. E festejam esse tempo verbal - com água, sorrisos e música, alguns ares de esforço e cigarros - no descanso por horas perturbado do seminário de Vilar, no Porto. Estão "limpos". Nota-se-lhes na alma. Fora daquele retiro, são "normais". Defina-se "normais" gente como todos, advogados, motoristas, empresários, médicos, pedreiros, desempregados. Pais, filhos. Avós. Heterossexuais, gays. Limpos.

Se os nossos nomes são portugueses, é um acaso. Com o Sol a pôr-se divinamente num Douro espraído em pano de fundo, as nacionalidades misturadas na 23ª Convenção Europeia de Narcóticos Anónimos confundem-se. São mais de vinte, o encontro é sem nomes, ou não fosse a 12ª das "12 Tradições" que gerem o regresso à vida o elogio da não identificação. Sílvio debita-a - é um dos códigos, como chamar "salas" aos encontros de partilha e "irmandade" aos grupos - sem se dar conta. "O anonimato é o alicerce espiritual..."

Será preciso dar o nome para contar ao mundo que é possível aprender a viver sem droga? E gostar? Os "NA" acham que não. Ana, na casa dos 30 e livre há "11 e meio", serve um pouco de porta-voz. A comunicação é, para ela, um defeito de formação. Explica que nos NA, dizer "recuperado" está proscrito. O processo é diário, contínuo, acaba com a morte. Em surdina, Amílcar, ou Sandro, ou mesmo Manuela, admitem. Houve - há - dias difíceis. "Claro que apetece!" Assumir é outra palavra-chave. Porque proscrito está também o álcool, a primeira droga para muitos deles. E a que "está mais à mão". "Nunca" é a garantia que vem a seguir.

Sílvio desvia a conversa para o ambiente à volta. "A festejar a recuperação". Há uma criança que dribla uma bola barulhenta, outra que sorri no regaço da mãe. Há um beijo apaixonado, uma mão que não larga outra, duas que se juntam em palmas, uma canção que jorra dos altifalantes da esplanada. É a recompensa para o esforço de juntar no Porto "adictos em recuperação" de demasiados países.

A partilha das experiências foi-nos vedada. É deles. Só. Momentos em que um "brilhozinho nos olhos" de um "limpo" convence um que não o está a apostar na vida. Como nos Alcoólicos Anónimos, só que juntando drogas ilícitas. É a identificação com o sucesso, a casa de praia de Amílcar, o curso de engenharia de Manuela, os filhos de Sandro.

As recaídas são varridas para debaixo do tapete. Como o número de NA em Portugal. "Não temos registo dos membros". Para dados, bastam as 220 reuniões semanais de "irmandades" por todo o país. É muito? Será. Há 21 anos, quando este "recurso de recuperação" arrancou entre nós, havia uma. Hoje, os NA conseguem organizar uma convenção internacional. Sucesso.

A regra é simples o desejo de parar. Os princípios têm mais de 50 anos, nasceram nos Estados Unidos e são os adaptadas por certas comunidades terapêuticas. "Não temos nada a ver com isso. Nem opiniões sobre isso". Sílvio insiste. Os NA são algo além de... Acolhem quem venha desintoxicado

de um centro de tratamento, quem venha ressacado do encerramento em casa por falta de vida, quem venha com a dose no bolso.

No final da convenção europeia, hoje, fazem o "countdown". De quem esteve, de quem está limpo há cinco, dez, 20 anos. "Temos uma pessoa em recuperação há 40!" terão, também, NA de um dia, dois, três. Os que aderiram nos dias do encontro, os "filhos da convenção". É sempre assim. Sílvia anda nisto há tempos, seis anos e quatro meses. Já correu várias convenções nacionais, outras tantas europeias, cumprimenta todos quantos entram e saem do Seminário de Vilar. "Hi Antony, hi este, hi aquele".

As histórias misturam-se, são todas diferentes, têm apenas um ponto em comum. Não. Dois. O percurso e aquele desejo de estar em recuperação por mais 24 horas. Poder acordar, só, essa coisa "maravilhosa". "Não importa que drogas usastes, quais as tuas origens, a tua religião", repetem, mais letra menos letra. E sorriem com os dentes todos. Dá gosto de ver. Passeiam com T-Shirts de várias embrulhadas nas mãos, compradas na banca deste ou daquele grupo estrangeiro, escolhida a cor mais engraçada, é assim que se financiam as irmandades. Sem doações de fora.

No final, mostram-se bem vestidos. Porque para um adicto que deseja parar, ver um adicto que parou singrar dá vontade. Garantem. "Saber e dizer bolas, esta pessoa consumiu as mesmas drogas que eu, andou pelos mesmos sítios, eu também posso ter o que ela tem hoje". A frase, em tanto anonimato, já não pode ser atribuída a ninguém. Em suma, salva-nos Ana, "chegar aos NA com uma completa disfuncionalidade na vida, em tudo, e voltar a ter uma vida funcional. Deixar de usar drogas para tapar sentimentos, ter um trabalho. Uma família..."

E passar a mensagem ao próximo. Ainda e sempre. "Dizer-lhe, vais conseguir", mesmo que ele esteja para ali a ressacar. Contar-lhe a sequência da janelinha que se abre e vai-se a ver, acaba sendo uma porta, "um portão" e a pessoa "fica mesmo muito bem na vida". Falar de tudo isto nas reuniões das irmandades ou nas convenções, nos corredores do Seminário de Vilar, na esplanada virada ao Douro ou nos bares escolhidos para festejar à séria. Sem álcool.